BIS

Edição n. 210 - Junho de 2023

Esta edição apresenta texto para reflexão

Assina essa edição: Luiz Ziegelmann – Psiquiatra da Equipe de Apoio Matricial do SSC-GHC

O que é e o que pode o corpo?

A concepção de corpo que apresento, foge dos regimes discursivos (enunciações, linguagem) ou regime de signos. Aprendemos uma concepção de corpo que o simplifica ou desqualifica em relação ao que ele é e pode. Isso nos leva a desconhecer o nosso próprio corpo e sua importância no cuidado/clínica. Quando enunciamos algo é um ato de linguagem. Exemplo: quando se diz dá para um paciente o diagnóstico de esquizofrenia ou transtorno afetivo bipolar, isso muda o destino do paciente e tem significado, tanto corporalmente, quanto na sua subjetividade e modos de ser. O corpo é marcado e fica refém desta enunciação ou código identitário.

O convite é para pensarmos o corpo não de forma institucional, diferente de algo instituído em nós e que se tornou uma verdade, uma cultura!

Por isso trago outra compreensão ou leitura do que é e pode o corpo! Não quero assustá-los, por favor, não é minha intenção, pelo contrário, apenas quero dividir outro conceito ou pensamento, ao que chamarei de corpo sem órgãos; expressão que nasce em Artaud, 1896, ou Antoine Marie Joseph Artaud, que foi poeta, ator, escritor, dramaturgo e diretor de teatro francês, ligado ao surrealismo. Homem que sofreu muito vítima da ignorância e preconceito da época. Ele rejeita o teatro tradicional centrado no diálogo, também na racionalidade da sociedade ocidental, propondo as bases para um novo teatro (também chamado teatro do absurdo) e para uma nova maneira de apreensão do mundo, que remeta ao nível pré-verbal. A chave estaria na encenação, a totalidade dos sentidos e não no texto. Este conceito de Artaud é desenvolvido principalmente pelo filósofo Deleuze. Mas o importante aqui foi situá-los, para que algo, aparentemente tão diferente, possa encontrar no final deste texto sentido e potência, no cuidado e na clínica.

Vivemos numa sociedade onde as formas (que têm origem nas racionalidades), ou substâncias que remetem a uma realidade sólida, na larga maioria das vezes, são organizadoras da vida burocrática, mecânica, racional e de menos sensibilidade. O oposto disso é uma vida intensa, experimentada com criatividade e vigor que pode se sobrepor as formas ou caixas fechadas em si mesmas.

Mas, e esse corpo, o que é e pode?

Geralmente associamos o corpo aos órgãos (corpo percebido como um conjunto de órgãos), através dos diferentes sintomas que se efetuam por eles. Podemos até dizer, de certo modo, que um hospital se organiza a partir dos órgãos (cardiologia, pneumologia, endocrinologia, neurologia e tantos outros). Nossa reflexão vai muito além disso e traz outra perspectiva do que é o corpo.

Um corpo “sem órgãos”, é compreendido aqui como *corpo potência*, assim como é a noção do tempo. Nós não pegamos o tempo, não o tocamos e não há consciência que afete o tempo, porém, não há algo mais real que o tempo!

O corpo não se reduz a dimensão orgânica, existencial e concreta. O corpo tem uma dimensão virtual, como potência, que apesar de não existir é real, porque é uma essência (uma natureza ou força de produção, como uma fábrica que cria e se cria) não pronta, sem substrato ou solo.

O que faz a natureza ser o que é ou como se produz a sua existência?

Para Spinoza, Deus é a natureza, uma potência absolutamente infinita, de acontecimentos, energias vivas. O Deus spinoziano está sempre gerando realidades, mas não fechadas em si mesmas. Importante aqui é tomar o corpo como parte da natureza (existência). O corpo é um efetivador de uma natureza virtual, que se cria e não algo espontâneo, natural. Todos os modos de existência (planetas, estrelas, plantas, corpos) são partes de uma natureza não acabada (naturada), em devir de si fazer a si mesma. Diferente de um conceito de uma natureza compreendida mecanicamente onde tudo que acontece são efeitos de uma causa e não da relação entre elas. Para Spinoza o efeito é resultado de uma efetivação (força, algo desejante), que tem movimento, duração, que está sempre se fazendo e não algo apenas resultante, ou uma realidade criada e passiva no tempo, sendo esta apenas uma consequência. Logo, causa e efeito não são coisas separadas, em relação binária, mas coexistentes. Ambas são movimento, troca.

Logo, a natureza é uma potência de transmutar-se ou transformar-se. É o oposto da forma (o que tem limites), pois esta é uma estruturação do saber, do real, uma racionalização!

Importante entender aqui, que a força é uma potência de afetar e ser afetado. E os encontros (afecções) entre corpos são isso. Eles produzem variações de afeto ou de modos de existir (alegre, triste, etc). Então o corpo é um acontecimento, uma realidade “ virtual” que pode se modificar e modificar a si mesmo. Portanto, a clínica, a dança, a música, por exemplo, são forças de efetivação na existência.

O que é o corpo em sua potência?

É uma potência de mudar, de modificar-se e se modificar, de se transmutar. O corpo é o que ele pode! É movimento, é devir. O desejo é o começo do corpo. A essência do corpo é uma potência e não o que o estrutura, como os órgãos e as funções.

E o que é o desejo?

O desejo é o “coração” da potência no corpo.

É a força motora da vida. É uma potência em ato. Enquanto potência não tem existência concreta, porque é uma realidade de produções ou realidade fabricante. Somos potências do acontecer e não sujeitos que buscam reconhecimento ou poder de autoridade. Neste caso seríamos presos a um ideal dominante, subjetivados por horizontes codificados.

O profissional de saúde, muito além da sua área específica (corpo enfermeiro, técnico de enfermagem, fonoaudiólogo, médico, nutricionista, odontólogo, psicólogo e outros) é uma potência em ato (movimento) capaz de criar, fabricar condições favoráveis de intensificação da vida diante do acontecimento (sofrimento, problemas de saúde). A sua ação também implicará em facilitar que o outro (usuário) crie potência positiva (passar de um efeito de algo para ser efetivador de algo) a partir de circunstâncias negativas e não mero expectador ou receptor de uma ação concreta. É levar luz a zonas escuras da existência. É devolver o desejo ao usuário para que crie realidades ou modos de existência.

Por exemplo, se algum evento negativo (acontecimento ou encontro) ter reflexo direto no desejo, de modo a diminuir a potência de agir, de existir e de pensar, teremos como efeito a tristeza ou a depressão. Nesta perspectiva, o adoecimento é uma captura do desejo no corpo. Posso ficar tão paralisado ou imobilizado, até o limite do suicídio.

A sociedade de consumo, captura o desejo, como se este fosse uma mercadoria a venda e nos impõe um falso sentimento de que nos falta algo. É um modo de prisão controlar o nosso desejo, imanente ao corpo. Portanto, libertar a captura do desejo por forças sociais (norma, moral, regras, crenças, culpas e outras) é ativar o devir, a liberdade, a afirmação da vida.

É preciso desconstruir essa captura e compreender que o desejo é nosso, não implica em falta de algo, pelo contrário, é uma força imanente, que está no corpo e se realiza a partir de todo acontecimento pela sua experimentação/em ato.

O corpo é uma potência capaz de criar modos de existência!

Potencializar é extrair a força do próprio acontecimento, ou seja, qualquer encontro com o outro (pessoa, objeto, algum evento) e trazer a potência ao acontecer (vir a ser).

Corpo e pensamento

O pensamento afirma o corpo ao convidá-lo a se experimentar, ter intensidade. E o corpo ativa as criações do pensamento.

A grande saúde:

O que Spinoza e Nietzsche vão chamar de a Grande Saúde é a unidade corpo e do pensamento, enquanto potências efetivadoras de vidas afirmativas. Na antiguidade, Sócrates e Platão diziam que o corpo era a prisão da alma (consciência). A libertação da alma viria da separação do corpo, este uma

ameaça ao mundo das ideias, ou seja, era uma compreensão do corpo em oposição ao que afirmamos aqui.

A grande saúde acontece: naquele viver mais livre, não refém de algum juízo de valor (moral) que julga, culpa, pune; quando o desejo não é capturado por forças sociais repressivas ou tomado como mercadoria; quando o pensamento pode circular com criatividade, em modo diferenciação e de singularização diante dos acontecimentos.

Adoecemos, na maioria das vezes, por desconhecer o que pode o corpo, quando nos afastamos de nós mesmos, da nossa potência de acontecer, de fazer a diferença, e tendo o desejo capturado.

O convite é para experimentar *o acontecer clínica* com criatividade, como obra de arte, e assim estaremos produzindo vida, ao potencializarmos nos encontros (profissionais de saúde e usuários com dor/sofrimento) os afetos de alegria, leveza, prazer e liberdade possível; e não os afetos tristes, carregados de ressentimento (ódio, raiva. Inveja, desconfiança, inveja, outros).

Nesta perspectiva, do que é e pode o corpo, não cabe pensar mais nas noções de *eu, mente, consciência, que são instâncias* capturados pelo fora, ou seja, são outros em mim que os constituem ou criam uma interioridade). Daqui para frente o convite é compreender *o pensamento criativo e o corpo como potências afirmadoras da vida*, como os grandes eixos da nossa existência, tendo como o motor dela o *desejo*! Somos corpos desejantes! A clínica é fundamentalmente uma clínica do desejo.

Pessoal,

Trazer estes três conceitos ou trilogia (a escuta da pele, o pensamento e o corpo) é uma tentativa de contribuir para uma clínica alegre e não triste, ou seja, que não fica resignada em aceitar o sofrimento como algo que acontece e precisa de alívio só medicamentoso ou por algum outro tipo de intervenção no plano racional. Não! A proposta é tomar a dor/sofrimento a partir destas perspectivas acima e transformá-los em potência, para que algo novo aconteça na vida das pessoas.

Para isso é fundamental desconstruir as prisões no corpo pelas forças sociais, para soltar o pensamento livre e criativo, despertar o desejo do corpo, aquilo que afirma a vida ou cria novos modos de existência ou realidades.